

Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE
Escola Nacional de Ciências Estatísticas

Textos para discussão
Escola Nacional de Ciências Estatísticas
número 24

O EU E O OUTRO: A ALTERIDADE PRÓXIMA NA DECLARAÇÃO DE COR NO QUESITO ABERTO DA PME 98

Moema De Poli Teixeira
Kaizô Iwakami Beltrão

Rio de Janeiro

2008

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE

Av. Franklin Roosevelt, 166 - Centro - 20021-120 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil

Textos para discussão. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ISSN 1677-7093

Divulga estudos e outros trabalhos técnicos desenvolvidos pelo IBGE ou em conjunto com outras instituições, bem como resultantes de consultorias técnicas e traduções consideradas relevantes para disseminação pelo Instituto. A série está subdividida por unidade organizacional e os textos são de responsabilidade de cada área específica.

ISBN 978-85-240-4029-0

© IBGE. 2008

Impressão

Gráfica Digital/Centro de Documentação e Disseminação de Informações – CDDI/IBGE, em 2008.

Capa

Gerência de Criação/CDDI

Teixeira, Moema De Poli

O Eu e o outro : a alteridade próxima na declaração de cor no quesito aberto da PME 98 / Moema De Poli Teixeira, Kaizô Iwakami Beltrão. - Rio de Janeiro : Escola Nacional de Ciências Estatística, 2008.

40 p. – (Textos para discussão. Escola Nacional de Ciências Estatísticas, ISSN 1677-7093 ; n. 24)

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-240-4029-0

1. Cor da pele – Brasil – Estatística. 2. Cor da pele – Estatística – Pesquisa. 3. Raças – Brasil – Estatística. 4. Raças – Estatística – Pesquisa. 5. Mão-de-obra – Estatística – Pesquisa. 6. Levantamentos ocupacionais – Brasil. I. Beltrão, Kaizô I. (Kaizô Iwakami). I. IBGE. III. Escola Nacional de Ciências Estatística (Brasil). IV. Série.

Gerência de Biblioteca e Acervos Especiais
RJ/IBGE/2008-20

CDU 314.9-054(81)
DEM

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. CLASSIFICAÇÃO RACIAL.....	9
3. O CONCEITO DE RAÇA/COR NOS LEVANTAMENTOS DO IBGE.....	10
4. EVIDÊNCIAS DOS DADOS DO SUPLEMENTO DA PME DE JULHO DE 1998.....	13
4.1 RECIFE.....	19
4.2 BELO HORIZONTE.....	21
4.3 SALVADOR.....	23
4.4 RIO DE JANEIRO.....	25
4.5 SÃO PAULO.....	27
4.6 PORTO ALEGRE.....	29
4.7 EQUIVALÊNCIA ENTRE CATEGORIAS.....	30
5. COMENTÁRIOS E CONCLUSÕES.....	36
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37
7. ANEXO I – QUESTIONÁRIO DA PME.....	39

RESUMO

Um dos problemas da variável cor ou raça nas pesquisas do IBGE, revelado por pesquisas de campo na área da construção das identidades étnico-raciais, tem sido o fato de que usualmente um único informante responde as categorias a que pertencem todos os residentes no domicílio. Nesse sentido é que nos propusemos a fazer um exercício estudando a variação das respostas à pergunta aberta de cor e à resposta ao quesito fechado a partir da discriminação do informante, possível de ser realizada através do Suplemento de Cor e Origem da PME de julho de 1998. Podemos dizer que no Brasil como um todo, bem como para a maioria das RMs, as categorias abertas com nuances adjetivas (“clara”, “morena clara”, “morena escura” e “escura”), ainda que com baixa incidência, foram mais utilizadas para os outros do que para si mesmo. A pesquisa também permitiu fazer considerações interessantes quanto ao uso regionalizado dos termos de classificação de cor ou raça, conforme já apontado pela literatura. Podemos dizer que na declaração de “Branca” em todas as RMs e na de “Amarela”, especificamente em São Paulo, encontramos os patamares mais elevados de coincidência ou aceitação da categoria utilizada pelo IBGE em quesito fechado (em torno de 90%). As demais combinações de cor e RM demonstraram que as categorias fechadas do IBGE são, sem sombra de dúvida, as mais escolhidas como opção aberta, com exceção da categoria omnibus “Morena”. No entanto, como este termo preferencial é não descritivo, obviamente a opção de respostas abertas para um Censo não é uma solução. Isso nos remete à necessidade de realização de novas pesquisas no sentido de discutir os usos e os significados dos termos de identificação étnico-racial com vistas ao aprimoramento das formas de captação do fenômeno por parte dos órgãos de estatística.

ABSTRACT

One of the problems found in field work in the area of ethnic identities, has been the fact that for each household, a single informer answers the whole questionnaire, there included the color/race category for all members of the household. Taking this fact into consideration we decided to study the answers to the open and closed questions regarding color/race in the supplement of “Color and Origin” from the PME – July 1998. We can state that in Brazil as a whole, as well as in the major part of the Metropolitan areas considered, open categories with adjective content as (“fair”; “light brunette”; “dark brunette” and “dark”), though with lower incidence were more often used to describe others than self. The survey also confirmed findings already mentioned in the literature with respect to regional terms for color/race classification.

The “White” category in all Metropolitan Areas under study and “Asians” (actually Yellow in the questionnaire) in São Paulo showed the highest acceptance level of the IBGE category (around 90%). All the other combinations of Metropolitan Areas and color/race category showed that the categories proposed by IBGE are more often volunteered as part of an open choice, with the exception of the omnibus category “Morena” (brunette, but also, tanned). Since this preferred term is non-descriptive and not a viable answer for analysis, the option for an open question in a Census questionnaire is not a solution. Therefore, there is a need to further research the subject, discussing the use and meanings of the ethnic identifier in order to better capture the concept by Statistical Agencies.

1. INTRODUÇÃO

Um dos problemas da variável cor ou raça nas pesquisas do IBGE, revelado por pesquisas de campo na área da construção das identidades étnico-raciais, tem sido o fato de que usualmente um único informante responde as categorias a que pertencem todos os residentes no domicílio. Os vários estudos que têm sido realizados sobre o tema são unânimes em demonstrar como pode diferir a forma como cada um se vê e como é percebido em termos raciais, ou seja, o processo de classificação racial é relacional¹. Podemos, em princípio, distinguir pelo menos 5 níveis de classificação: i) a visão do indivíduo sobre si mesmo; ii) a visão do indivíduo sobre alguém próximo (um familiar, por exemplo); iii) a visão do indivíduo sobre um desconhecido, baseado tão somente na aparência deste último; iv) a visão de um indivíduo de como é percebido pela sociedade em geral e v) a descrição de como um indivíduo quer ser percebido num dado contexto. O que pode ser exemplificado no seguinte discurso transcrito de Teixeira Pacheco (1987):

*“Eu não sou racista. Tenho uma **filha clara, o pai dela é claro, eu sou escura.** Eu acho que a minha cor nunca atrapalhasse(sic.) em nada. Eu acho que nunca lidei com pessoas que tivesse(sic.) racismo porque eu, com minha cor, do jeito que sou, eu chego em qualquer lugar, faço o meu ambiente. Não tenho e eu vou ensinar a minha filha a não ter racismo também porque **a mãe dela é preta.**”*

Note-se que a referência da cor/raça dos parentes próximos (filha e marido) é sempre relativa e com termos adjetivos (claro e escuro) atenuantes da visão mais dicotômica de branco versus preto. Ao referir-se a si mesma em dois momentos diferentes, a entrevistada faz uso de categorias diferentes de classificação. Quando fala na primeira pessoa (eu), ela é escura dando continuidade ao discurso sobre os parentes próximos; ao falar na terceira pessoa, torna-se preta. No primeiro caso a categoria expressa a forma como ela se vê e no segundo caso a forma como ela acha que é socialmente percebida. É provável que os níveis i) e ii), objeto de nossa investigação, sejam mais próximos entre si em termos de categorias de atribuição do que os demais.

¹ Vejamos este exemplo: “Durante meu estudo na comunidade, também aprendi que alguns faziam distinção entre o que pareciam perceber como a ‘verdadeira cor’ da pessoa e as palavras convencionalmente usadas para falar da cor de uma determinada pessoa. Quando perguntei a uma moça qual era a sua cor, ela riu e disse: ‘As pessoas me chama de branca, mas eu não sou mesmo. Eu sou, não sei, morena?’ De maneira semelhante, um homem disse-me que sua mulher era branca. Então riu e acrescentou: ‘Ela não é, mas a gente fala assim.’ Uma mulher na casa dos 40 anos me disse: ‘Eu sou preta. As pessoas me chamam de morena, mas eu acho que sou preta mesmo.’ (Sheriff 2002:221)”.

No entanto, acreditamos que a sua análise possa trazer subsídios importantes para avaliar as implicações de uma única pessoa fornecer as informações para todas as pessoas do domicílio.

Nesse sentido é que nos propusemos a fazer um exercício estudando a variação das respostas à pergunta aberta de cor e à resposta ao quesito fechado a partir da discriminação do informante possível de ser realizada através do Suplemento de Cor e Origem da PME de julho de 1998. Outros autores já analisaram as interrelações entre os quesitos abertos e fechados, porém sem esta distinção (ver Petruccelli, 2000 e Schwartzman, 1999). Cumpre lembrar que a PME (Pesquisa Mensal de Emprego) é uma pesquisa domiciliar realizada mensalmente pelo IBGE em 6 Regiões Metropolitanas².

O caráter de amostra circular³ não afeta os nossos dados nem a nossa análise já que o suplemento foi pesquisado somente no mês de julho de 1998 (ver Manual de Entrevista, PME, IBGE, 2005). Nesta rodada, 91 390 indivíduos em 30 161 domicílios foram pesquisados. Na análise que se segue não vamos utilizar os pesos de expansão da amostra. Com este estudo pretendemos oferecer subsídios à reformulação do quesito em pesquisas domiciliares futuras.

Cerca de 30,7% das informações são sobre o próprio informante. Considerando-se que as famílias são na sua maioria, razoavelmente homogêneas com respeito a cor/raça (ou seja, os casamentos inter-raciais não são a norma) e que as famílias com indivíduos brancos e amarelos são tipicamente menores, esperar-se-ia encontrar uma maior proporção de auto-declaração nestes grupos, o que é confirmado pelos dados: respectivamente 31,4 e 33,7% para estas duas categorias, por oposição a menos de 30,0% para pretos e pardos.

Foi com o intuito de subsidiar a discussão sobre as categorias de cor/raça para o questionário do Censo 2000 que elaborou-se um suplemento na PME com quesitos abertos e fechados sobre este tema (ver Anexo 1). Este suplemento incluía também quesitos sobre diversas categorias de origem, mais precisamente quatro perguntas, sendo duas das perguntas com respostas abertas à escolha livre do informante e outras duas correspondentes, mas com respostas categorizadas e fechadas. A primeira pergunta sobre o tema (quesito 1) foi “Qual a cor ou raça do(a)...” com somente uma resposta possível, mas permitindo palavras compostas. A pergunta equivalente com respostas fechadas (quesito 2), listava as opções tradicionais das pesquisas do IBGE, quais sejam: Branca, Preta, Amarela, Parda e Indígena (considerando também a possibilidade de não resposta). Para esta pergunta também era permitida tão somente uma escolha de resposta. A outra pergunta aberta (quesito 3) tratava o quesito na perspectiva de “origem” e foi: “Qual(is) a(s) origem(ns) que ... considera ter”, com até três respostas possíveis. A pergunta com respostas categorizadas correspondente (quesito 4) incluía como opção possível: Africana, Alemã, Árabe, Brasileira, Espanhola, Indígena, Italiana, Japonesa, Judaica, Negra, Portuguesa e Outra. O respondente poderia escolher ou não cada uma das opções listadas (12 opções com 4 096 combinações possíveis).

² Só a partir de março de 1999 a Pesquisa passou a incluir a Região Metropolitana de Curitiba (IBGE, 2005).

³ Na PME, 25% da amostra é substituída a cada mês. Um dado domicílio permanece na amostra por 4 meses consecutivos, sai por 8 meses e retorna por mais 4, quando então sai definitivamente da amostra (IBGE, 2001).

2. CLASSIFICAÇÃO RACIAL

Vários estudos que trataram a questão das relações raciais no Brasil atentaram para os problemas inerentes à classificação étnico-racial dos indivíduos (Pierson, 1951; Wagley, 1952; Harris & Kottak, 1963; Nogueira, 1985). Alguns deles, ainda que reforçando a idéia da democracia racial – caso de Donald Pierson – por darem muita ênfase à miscigenação e aos casos de mobilidade social de “elementos negros”, ao tratarem as relações raciais como um aspecto das relações sociais (Wagley, 1952:14), levantou questões importantes acerca da classificação racial dos indivíduos nos momentos de interação social, em especial focalizando o problema do “mulato”, concluindo pela ambigüidade dos termos utilizados pelas populações investigadas (Harris & Kottak 1963:205).⁴

Harris & Kottak (1963:203) enumeraram cerca de 40 tipos raciais diferentes em sua pesquisa em Arembepe (BA). Para todo o Brasil, Harris (1964:57) fala que “cerca de uma” dúzia de categorias poderiam ser reconhecidas conforme as combinações de cor e textura de cabelo, cor dos olhos e da pele.” Hutchinson (1952:28) descreveu oito categorias por ele encontradas em Vila Recôncavo (BA): preto ou preto retinto; cabra; cabo verde; escuro; mulato, que poderia ser tanto mulato claro como mulato escuro; pardo; sarará e moreno, concluindo que naquela localidade não era simplesmente uma questão de branco e preto, mas de todas as gradações no entremeio⁵.

Estudando os termos utilizados por um grupo de baixa renda no Rio de Janeiro nos anos 80 Teixeira Pacheco (1987) identificou oito categorias – negros; preto; escuro; caboclo; mulato; moreno; claro e branco - consideradas importantes em alguns momentos da interação social, sobretudo nas ocasiões de conflito ou tensão, inclusão ou exclusão como, por exemplo, nos momentos de escolha do cônjuge.

Sheriff (2002) em sua pesquisa no Morro do Sangue Bom (nome fictício), também no Rio de Janeiro, faz uma distinção entre o que denomina de “discurso de descrição” e o que autores como Harris (1970) e Sanjek (1971) chamaram de “categorias raciais”, identificando três tipos de discurso sobre os termos de raça e cor: um estilo cotidiano em que as pessoas descrevem suas próprias características físicas (caso dos níveis i e ii descritos na introdução); um estilo pragmático no qual as pessoas manipulam conscientemente este vocabulário (nível v) e por fim, um estilo racial de discurso que não enfatiza nem a cor e nem a aparência, mas um ponto de vista bipolar ou tripartite de identidade racial (caso dos níveis iii e iv). (Sheriff 2002:219)

⁴ Ambigüidade, tanto com respeito à definição quanto com respeito à referência, parecem estar embutidos no significado destes termos, e é em certo sentido, uma característica mais importante do sistema do que a atenção que se pensa deva realmente ser dada à aparência física. No original como: “Ambiguity, both of a definitional and referential sort appear to be built into the meanings of these terms, and is in a sense a more important feature of the system that the attention which is supposed to be paid to actual physical appearance” (1963:205).

⁵ No original como: “is not simply a matter of black and white, but of all the shades in between.”

3. O CONCEITO DE RAÇA/COR NOS LEVANTAMENTOS DO IBGE

A preocupação de caráter mais antropológico com a adequação dos termos referentes à cor nos levantamentos do IBGE surgiu pela primeira vez na década de 70 (ver Araújo Costa, 1974). Este trabalho concluiu pela necessidade de uma investigação a nível nacional dos termos de cor utilizados pela população acatando as sugestões da ONU (1969) que argumentava que os países deveriam utilizar para os levantamentos da composição étnica de suas populações, as categorias que as mesmas utilizavam para se identificar porque estas fariam mais sentido para o uso da informação em termos de política pública. Essa reflexão no interior do IBGE conduziu ao primeiro levantamento do quesito, em sua forma aberta, na PNAD de 1976, como subsídio para o Censo de 1980. No quesito aberto, mais de uma centena de categorias foram utilizadas pelos informantes (mais precisamente, 136 categorias segundo IBGE, 1979), sendo que 65% das respostas coincidiam com as categorias utilizadas pelo IBGE: branca, preta, amarela e parda. Outros 24% dos respondentes utilizaram a categoria “morena”, deixando então cerca de 11% dos indivíduos com as demais opções. A análise dos resultados da pesquisa serviu para reafirmar as categorias que tradicionalmente vinham sendo investigadas pela instituição desde 1940.

Entendendo a questão do uso e adequação das categorias de identificação racial no país como uma situação que sofre ação direta do tempo, o IBGE retoma o tema em novo suplemento na PME de julho de 1998, agregando a dimensão “origem” ao quesito cor ou raça.

3.1 Censos

Já no censo de 1872 investigaram-se atributos referentes à cor⁶ da população. Embora o quesito pesquisado fosse apenas ‘cor’, usava-se o termo ‘caboclo’⁷ como opção de cor junto a branco, preto e pardo, o que vinha a demonstrar uma certa ambigüidade na definição do conceito. Na categoria ‘caboclo’ estaria incluída, sem distinção de tribo, toda a população indígena do país. Ainda que a categoria de pardos açambarcasse nominalmente todos os mestiços, a ênfase era a da mestiçagem de brancos com pretos. Com o regime escravista ainda em vigor, a população escrava só foi classificada, pelo proprietário ou pelo recenseador, em duas categorias, preta e parda. Senra (2006) levanta como hipóteses, seja a inexistência de escravos de outras categorias (brancos ou

⁶ Ainda que entendamos que o conceito possa ter variado no tempo – ver Carvalho et alii (2004).

⁷ Segundo o Aurélio, o termo vem do tupi [kari'boka] e significava originalmente “procedente do branco”. Aurélio lista 7 acepções para o substantivo, sendo que as três primeiras são pertinentes a este texto: **1.** mestiço de branco com índio; cariboca, carijó. **2.** antiga denominação do indígena. **3.** caboclo de (1) de cor acobreada e cabelos lisos; caburé, tapuío. **4.** V. caipira (1). **5.** Fig. Pessoas desconfiada ou traiçoeira. **6.** Entre os garimpeiros, qualquer seixo tinto por óxido de ferro. **7.** Brás. Focl. Personificação e divinização de tribos indígenas segundo modelo dos cultos populares de origem africana, paramentada, porém, com os trajes cerimoniais dos antigos tupis.

caboclos), seja uma adaptação cultural ou ideológica que negaria estas possibilidades. Alencastro (2006: 87) reforça a hipótese da adaptação cultural ou ideológica ao informar que: “Naquela altura [após 1850], alguns escravos brancos – filhos, netos e bisnetos de escravas mulatas e de brancos -, até então isolados em fazendas sertanejas, começaram a ser vendidos para a corte. Em 1858 o Jornal do Comércio noticiou ...” que “...ontem na Praça do Comércio um homem branco, de olhos azuis e cabelos louros, de 25 a 26 anos, que jaz no cativo e pedia uma subscrição para comprar a sua liberdade.” Além disso, defende a idéia de que existiu uma decisão explícita dos organizadores do Censo de 1872 de que “..não havia em nenhum canto do Império nenhum escravo branco ... O escravismo moderno reforça o estatuto legal do cativo com a discriminação racial: o escravo só podia ser preto ou mulato, nunca branco”.

Já em 1890, a cor parda foi substituída pela categoria ‘mestiço’, indicação mais genérica, que incluía também os diversos resultados de fusão com a população indígena. Nos censos seguintes, nenhum quesito sobre cor foi pesquisado e somente em 1940 é re-incluído no questionário censitário. “No Censo de 1940, a classificação segundo a cor resultou das respostas ao quesito proposto, dadas de acordo com a seguinte forma de declaração preceituada nas instruções: ‘responda-se preta, branca, amarela, sempre que for possível qualificar o recenseado segundo o característico previsto. No caso de não ser possível essa qualificação, lance-se um traço horizontal no lugar reservado para a resposta’ (IBGE, 1940). Daí resultou a classificação da população em três grandes grupos – pretos, brancos e amarelos – e a constituição de um grupo genérico sob a designação de pardos, para os que registraram declarações outras como ‘caboclo’, ‘mulato’, ‘moreno’, etc, ou se limitaram ao lançamento do traço. Somente nos casos de completa omissão da resposta foi atribuída a designação ‘cor não declarada’. Cumpre notar que o tratamento (traço versus alguma categoria descritiva) não foi homogêneo no país, variando de acordo com o entendimento dos delegados locais se as categorias listadas nas instruções (preta, branca, amarela) eram exemplos ou uma lista exaustiva das possibilidades de classificação. Quase todas as tabulações apresentadas nas publicações agregaram a ‘cor não declarada’ com os ‘pardos’ atendendo ao pequeno número dos que constituíam o primeiro desses grupos e “...ainda a que a omissão da resposta traduziria, em muitos casos, uma reserva à declaração expressa da mestiçagem” (IBGE, 1940). Note que com o aumento da imigração do extremo oriente a categoria amarela foi incluída entre as respostas possíveis. Do total das respostas obtidas, 6,1% foram preenchidas com um traço, 15,1% com outra denominação que as listadas nas instruções, e 0,1% foram deixadas em branco. Não parecia haver uma instrução explícita sobre a quem deveria caber a responsabilidade da resposta: se deveria ser uma autodeclaração ou se o recenseador faria a classificação. Imagina-se a partir de estudo de Mortara (1946) que os questionários preenchidos pelos chefes do domicílio seriam com auto-declaração, e para aqueles analfabetos, classificados pelo recenseador.

Já no “... Censo de 1950, a declaração foi deixado à discricção do recenseado, emprestando, assim, maior precisão aos resultados censitários”, como explicitado na publicação (IBGE, 1950). Esta informação indica, por oposição, que nos censos anteriores a responsabilidade pela classificação teria cabido ao entrevistador. No que diz respeito à cor, o censo de 1950 manteve a estrutura do censo anterior, e a população foi distribuída em quatro grupos: brancos, pretos, amarelos e pardos; sendo que este último grupo incluiu os índios e os que se declararam mulatos, caboclos, cafuzos, etc. Na introdução ao censo, é feita a ressalva de que a população aborígine não teria sido totalmente levantada. “Informações indiretas e imparciais foram obtidas, no entanto, por intermédio

das declarações alusivas à cor e à língua falada”. Ainda que o questionário utilizasse somente o termo cor, a análise discursiva realizada na seção de “Cultura Brasileira” foi denominada de “O país e a raça” (IBGE, 1950). Depois de uma descrição do relevo, topologia, fauna, flora, recursos minerais e clima do país, passa a descrever as “...origens do povo brasileiro”. O texto apresenta um certo viés, onde a raça predominante é a do branco europeu e a certeza de um embranquecimento gradativo fortalecido pela imigração. Já neste censo, notava-se a reversão desta tendência do embranquecimento: a população declarada branca em 1950 constituía cerca de 61,7% da população, quase dois pontos percentuais a menos do que os 63,5% recenseados em 1940.

No censo de 1960, a população, tal como no censo anterior, foi dividida em brancos, pretos, amarelos e pardos. Os indígenas continuaram a ser incluídos neste último grupo pelo menos no nível das publicações, já que existia esta categoria entre as respostas pré-codificadas. O Censo de 1960 inovou em duas frentes: primeiro definiu uma amostra com um questionário maior no qual o quesito cor estava incluído; segundo, pré-codificou o quesito de cor que anteriormente era preenchido por extenso pelo recenseador (entre as respostas possíveis, foi incluída “Índia”, mas com a ressalva que se “Índia só se aplica às pessoas que vivem em aldeamentos ou postos indígenas”). No censo de 1970 não foi levantada a cor da população brasileira. Kerstenetzky (1977), presidente do IBGE na ocasião do Censo, na sua resposta à moção aprovada na SBPC de 1976 que pedia o retorno do quesito cor/raça nos censos, informa que após a consulta da Comissão Censitária Nacional a estudiosos e especialistas da área, “... prevaleceu o ponto de vista da inconveniência da inclusão da pesquisa no Censo” enquanto um estudo mais específico não fosse realizado. A PNAD 1976 foi utilizada para fazer este fim.

No censo de 1980, a população continuou a ser classificada em branca, preta, amarela e parda (mulata, mestiça, índia, cabocla, mameluca, cafuza, etc). Foi somente a partir do censo de 1991 que a população indígena passou a ser mais uma vez enumerada separadamente da parda, o que possivelmente teria gerado a inclusão do termo “raça” no enunciado do quesito. Passam, então, a ser possíveis as seguintes respostas em relação à cor ou raça: branca, preta, amarela, parda (mulata, mestiça, cabocla, mameluca, cafuza, etc.) e indígena, classificação que se aplica tanto aos que vivem em aldeamento como aos que vivem fora. De acordo com o Manual do recenseador de 2000, enquadram-se na classificação de raça amarela as pessoas de origem japonesa, chinesa, coreana, etc. O Manual do Recenseador do censo de 1991, no que se refere à cor ou raça amarela, é mais explícito, adicionando a expressão “e seus descendentes” à especificação anterior.

3.2 Outras Pesquisas

Algumas outras pesquisas do IBGE passaram a incorporar regularmente um quesito sobre cor/raça, espelhando a pergunta do Censo Demográfico. É este o caso da PNAD (a partir de 1987) e da PME (a partir de 2004). Algumas outras pesquisas pontuais também incorporaram o mesmo quesito: Contagem de 1996, a POF 2002-2003 e a PPV de 1997. A PNAD em alguns suplementos pesquisava o conceito (em 1982 no suplemento de Educação; em 1984 no suplemento de Fecundidade; em 1985 no suplemento sobre o Menor e em 1986 no suplemento sobre Suplementação Alimentar e outros) e em 1976, no suplemento de mobilidade, que incluiu também uma pergunta aberta sobre cor no intuito de testar o grau de adequação dos termos utilizados na pergunta fechada.

4. EVIDÊNCIAS DOS DADOS DO SUPLEMENTO DA PME DE JULHO DE 1998

Foram obtidas 289 diferentes respostas ao quesito 1. Destas, algumas foram obviamente por erro de digitação, por exemplo, as respostas “03MORENA”, “BRAANCA” e “AMRELA”. Estes erros de digitação foram corrigidos, nos casos, respectivamente para “MORENA”, “BRANCA” e “AMARELA”. Uma opção que se tomou foi de considerar equivalente as categorias no feminino e masculino, por exemplo “MORENO” e “MORENA”, “BRANCO CLARO”, “BRANCA CLARO” e “BRANCA CLARA”. As alternativas foram todas reduzidas à forma feminina, já que tanto cor como raça são palavras femininas e esta poderia ser a referência para a resposta do entrevistado (por oposição ao próprio sexo com definidor do gênero do termo utilizado na resposta). Numa segunda etapa pretende-se avaliar as correlações existentes entre o gênero utilizado na informação e o sexo da pessoa sobre a qual a informação recai. Após esta primeira reclassificação restaram 142 categorias (seria possível continuar a agregação, mas isto tornaria a análise mais subjetiva) das quais as 11 mais escolhidas já açambarcavam cerca de 98,63% da população amostrada (a décima segunda categoria foi a não resposta com 241 casos) – ver Tabela 1.

Tabela 1 – Categorias mais escolhidas como resposta aberta do quesito 1

Categoria	pessoas	% do total	% sem ignorado	% acumulado do total	% acumulado sem ignorado
BRANCA	44560	48,76	48,89	48,76	48,89
MORENA	22194	24,28	24,35	73,04	73,24
PARDA	8971	9,82	9,84	82,86	83,08
PRETA	4189	4,58	4,60	87,44	87,67
MORENA CLARA	3723	4,07	4,08	91,52	91,76
NEGRA	3132	3,43	3,44	94,94	95,19
CLARA	991	1,08	1,09	96,03	96,28
MULATA	681	0,75	0,75	96,77	97,03
MORENA ESCURA	654	0,72	0,72	97,49	97,75
AMARELA	582	0,64	0,64	98,13	98,39
ESCURA	464	0,51	0,51	98,63	98,89

Fonte: IBGE, suplemento cor/origem da PME – julho de 1998.

A literatura menciona a existência de termos regionais referentes ao tema da classificação racial. Na nossa amostra, alguns termos se apresentaram realmente circunscritos a algumas RMs. Foi o caso de “BUGRE/BUGRO” que só foi utilizado em Porto Alegre; “ALVO/ALVA” que aparece quase que exclusivamente em Recife (uma menção em Belo Horizonte entre as 30 encontradas); “GALEGO/GALEGA” localizados nas duas RMs do nordeste (Recife e Salvador) com duas menções em São Paulo (sabendo da importante migração nordestina para São Paulo, seria bem plausível supor que o termo foi possivelmente utilizado por migrantes – infelizmente a PME não pergunta sobre naturalidade para verificarmos a hipótese); e “CABOCLO/CABOCLA” com 24 menções, sendo que $\frac{3}{4}$ delas também no nordeste (ver nota de rodapé 7). Quase metade dos indivíduos que usaram este último termo para a resposta aberta de cor, no primeiro

questo aberto de origem declararam-se de origem indígena, ainda que somente 1/4 tenha se declarado como “Indígena” no quesito fechado de cor/raça. Isto provavelmente indica que o quesito de cor/raça é entendido primordialmente como de cor e que o termo “Indígena” neste quesito não é entendido como um descritor de raça, ou que a origem não é o maior determinante da identidade no que se refere a cor/raça. Alguns outros termos foram utilizados com maior frequência, mas também circunscritos a algumas RMs. A categoria “escura”, está concentrada nas RMs de Salvador, Belo Horizonte e Rio de Janeiro (98%); a categoria “morena escura” está concentrada nas RMs de Recife, Salvador e Belo Horizonte (91%); 83% dos 164 usos da categoria “brasileira” se dá em Porto Alegre e quase metade das ocorrências de “mulata” acontecem no Rio de Janeiro.

A literatura também levanta a possibilidade da atribuição da cor/raça estar influenciada pela condição social do informante (cf. Fernandes, F. 1978; Nogueira, O. 1985 e 1992; Azevedo, Thales 1955; Costa Pinto, L.A. 1952). Dentro de uma família, esta possibilidade poderia ser exacerbada se a informação fosse dada, por exemplo, pela empregada doméstica. Atentos a esta possibilidade verificou-se que em um pouco menos de 10% dos domicílios com empregadas domésticas, estas foram as informantes. Cumpre notar que na coleta da PME, diferentemente de outras pesquisas domiciliares realizadas pelo IBGE, não existe nenhuma orientação específica quanto ao entrevistador solicitar que as declarações sejam, preferencialmente, prestadas pelo chefe (ou pessoa responsável) do domicílio.⁸ Interessante observar, ainda, que na PME existem instruções especiais quanto à não interferência do entrevistador nas respostas dos entrevistados.⁹

Tínhamos também levantado a hipótese de que as discrepâncias entre o quesito aberto e o fechado pudessem ter um componente relacionado com a cor do entrevistador. Foi feita então uma tabulação por RM e número do entrevistador. O ideal seria termos a cor de cada entrevistador, o que não foi possível obter devido às alterações no quadro de pessoal contratado no período transcorrido. Abandonamos, então, esta vertente, mas é um ponto a ser considerado em pesquisas futuras¹⁰.

Nas tabelas que se seguem vamos apresentar (sem os pesos para expansão) dados que cruzam nas linhas as respostas aos quesitos abertos (considerando tão somente as 14 categorias mais frequentes) e nas colunas, a dos quesitos fechados (considerando as 5 categorias). As informações são também desagregadas com respeito ao informante (o próprio no segundo quadro ou um outro morador do domicílio no primeiro quadro) e os dados apresentados referem-se à proporção da coluna, ou seja, entre os que foram categorizados no quesito fechado numa determinada categoria, qual a distribuição das respostas nos quesitos abertos. Pode-se, então, verificar quais as respostas abertas mais comuns para uma dada classificação fechada. O valor modal para

⁸ O Manual do Recenseador explicita que: “Normalmente cada pessoa é a melhor informante a respeito de suas próprias características, exceto em casos especiais ou quando se trata de crianças. Entretanto, certas circunstâncias podem impedir ou dificultar a realização da entrevista com todos os moradores. Nestes casos, o entrevistador deve, criteriosamente, verificar se, dentre os moradores presentes, existem pessoas capacitadas a prestar, com segurança, as informações referentes aos ausentes ou que possam contactá-los para obtê-las.” IBGE, 2005

⁹ O Manual do Recenseador determina que: “Em nenhum momento o entrevistador deve se deixar levar por seus conceitos pessoais oriundos de outros levantamentos ou anteriormente aplicados à pesquisa. Em caso de dificuldade no entendimento das perguntas, o entrevistador deve esclarecê-las aos informantes, tendo o cuidado para não influenciar as respostas.” IBGE, 2005.

¹⁰ Presentemente está em curso no IBGE uma pesquisa especial sobre o tema cor/origem: Pesquisa sobre Cor Etnia e Raça da População”. O questionário inclui uma auto-classificação de cor/raça do entrevistador.

estas colunas está apresentado em vermelho (se for maior do que 50%). Valores acima de 75% estão em negrito vermelho. Valores entre 25 e 75% estão grifados em azul. O terceiro quadro apresenta as razões das proporções com a declaração do outro no numerador (oriunda do primeiro quadro) e do próprio no denominador (oriunda do segundo quadro). Valores maiores do que 1,2 indicam maior frequência desta categoria na descrição do outro do que para si mesmo e estão apresentados em negrito verde. Valores menores do que 0,8, ao contrário, indicam maior frequência desta categoria na descrição do próprio do que para o outro e estão apresentados em vermelho. Não foram apresentadas as razões em torno da unidade, mais precisamente entre 0,8 e 1,2, razões estas que indicariam, *grosso modo*, que não há diferenças entre as classificações do outro e do próprio. As tabelas foram construídas para o Brasil como um todo e para cada uma das Regiões Metropolitanas. Por exemplo, nos dados do Brasil como um todo (ver Tabela 2) quando o indivíduo está respondendo sobre si mesmo, entre os que se classificaram no quesito fechado como de cor “Parda”, 31% descreveram-se no quesito aberto também como de cor “Parda”. Quando descrevendo o outro esta proporção foi de 29%. A razão entre estas duas proporções é maior do que a unidade porém menor do que 1,2 e não está, portanto, apresentada na tabela. Como outro exemplo, para esta mesma população, entre os que no quesito fechado foram declarados de cor “Preta”, a razão entre as descrições de “Morena Escura” e “Escura” quando descrevendo o outro são, respectivamente, 95% e 50% mais frequentes do que quando descrevendo a si próprio. A penúltima linha apresenta o total de indivíduos naquela situação e a última, a representatividade daquela coluna no quadro.

Tabela 2 – Declaração da resposta aberta versus a resposta fechada de cor segundo o declarante (o próprio e um outro) e a razão das duas distribuições para valores acima de 1% - Brasil

	Respondendo sobre o “outro”					Respondendo sobre o “próprio”					Razão				
	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena
BRANCA	88,7%	1,4%	0,6%	10,4%	2,4%	89,3%	1,5%	0,7%	5,5%	4,6%				1.89	0.53
BRASILEIRA	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,4%	0,0%					
CLARA	1,9%	0,5%	0,1%	0,8%	0,3%	1,3%	0,4%	0,0%	1,2%	0,0%	1.49			0.68	
MORENA CLARA	2,8%	7,8%	0,7%	4,8%	7,5%	2,6%	6,5%	0,7%	6,7%	8,6%		1.21		0.72	
MORENA	6,0%	57,0%	18,3%	10,6%	64,1%	6,2%	55,8%	18,2%	12,6%	64,8%					
MESTIÇA	0,0%	0,1%	0,1%	0,2%	0,3%	0,0%	0,2%	0,1%	0,0%	0,6%					
PARDA	0,1%	29,1%	1,0%	0,4%	2,0%	0,1%	31,5%	1,3%	1,6%	2,0%			0.76	0.25	
MULATA	0,0%	1,6%	2,1%	0,0%	1,3%	0,0%	1,6%	1,3%	0,0%	0,9%			1.66		
MORENA ESCURA	0,0%	1,3%	3,0%	0,0%	3,9%	0,0%	0,8%	1,5%	0,4%	1,7%			1.95		2.28
ESCURA	0,0%	0,2%	4,3%	0,0%	0,5%	0,0%	0,2%	2,9%	0,0%	0,6%			1.50		
NEGRA	0,0%	0,6%	28,7%	0,2%	1,3%	0,0%	0,9%	31,4%	0,0%	1,1%					
PRETA	0,0%	0,3%	41,3%	0,0%	0,8%	0,1%	0,3%	41,8%	0,8%	1,1%					0.71
AMARELA	0,0%	0,0%	0,0%	72,2%	0,2%	0,1%	0,0%	0,0%	70,5%	0,6%					
INDÍGENA	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	15,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,4%	13,5%					
Observações	33831	20664	6901	500	613	15505	8635	2921	254	349					
Distribuição	54,1%	33,1%	11,0%	0,8%	1,0%	56,0%	31,2%	10,6%	0,9%	1,3%					

Para a população como um todo (ver Tabela 2), a declaração de cor “Branca” é muito semelhante para si e para o outro e representa a maior proporção de coincidência entre as duas classificações: 89% dos que declararam “Branca” no quesito fechado tinham já declarado “Branca” no quesito aberto. “Morena” e “Morena Clara” são duas das categorias abertas que apresentam proporções de declarantes significativas, porém, de mesma monta nas descrições do outro e do próprio entre os que declararam “Branca” no quesito fechado: respectivamente 6 e 3%¹¹. A categoria “Clara” aparece menos freqüentemente, mas com uma incidência 49% maior para a descrição do outro: 2% para o outro e 1% para o próprio.

Depois de “Branca”, a segunda maior coincidência de categorias são os indivíduos que declaram a categoria “Amarela” nos dois tipos de quesito, um pouco acima de 70%, tanto para si mesmo quanto para o outro. As discrepâncias de tratamento, entre 5 e 10%, referem-se à categoria “Branca”, que aparece 89% mais freqüente para designar o outro que a si mesmo e a categoria “Morena” em ambos os casos. As categorias “Clara”, “Morena Clara” e “Parda” são ainda opções relevantes (correspondendo a valores entre 1 e 7% das respostas deste grupo), mas usadas preferencialmente para si mesmo.

Entre os categorizados em “Indígena” no quesito fechado, chama a atenção o fato de que a maior parte, 64%, declaram a categoria “Morena” no quesito aberto, tanto para si quanto para o outro. Embora concentrada em mais de 60% numa mesma categoria aberta, é interessante também notar que é a categoria fechada que se distribui em mais classes nas repostas abertas: 8 categorias acima de 1% dentre as 14 principais. Apenas 15% declaram indígena para o outro e 13% para si mesmo. Uma proporção significativa – entre 7 e 8% - utiliza ainda a categoria “Morena Clara”, em proporção semelhante para si e para o outro. Relevante, ainda, é o grupo que declara a categoria “Morena Escura”, que aparece mais para o outro que na declaração do próprio. Ainda aparecem as categorias “Branca” e “Parda”, em torno de 2 a 4%, sendo a primeira mais para si e a segunda com igual peso para os dois casos. Vale a pena reforçar o já dito que esta categoria de “Indígena” é entendida mais como uma origem do que de cor/raça.

Entre os que declaram “Parda” no quesito fechado, as opções para o quesito aberto ficam concentradas principalmente em duas categorias: “Morena”, entre 56 e 57%, e “Parda”, em torno de 30%, em proporções semelhantes nas declarações para si mesmo e para o outro. Outra categoria relevante é “Morena Clara”, que aparece entre 6 e 8% das respostas para este grupo, numa proporção mais elevada na declaração do outro. “Mulata”, “Morena Escura” e “Branca” surgem em proporções semelhantes, entre 1 e 1,5%, aplicadas igualmente para si e para o outro.

Já aqueles que declaram “Preta” no quesito fechado se distribuem, principalmente, em três diferentes categorias abertas – 40% como “Preta”, 30% como “Negra” e 18% como “Morena”, em proporções semelhantes nas declarações para si e para o outro. “Parda” em 1% dos casos e mais aplicada a si mesmo. As categorias “Escura”, “Morena Escura” e “Mulata” aparecem entre 4 e 1,5%, mais para o outro que para si mesmo. Cumpre notar que a categoria “Negra” no quesito aberto não foi a categoria modal, como advogam os movimentos negros. Levando, ainda, em conta que a PME é coletada em Regiões Metropolitanas, onde deveria haver um maior nível de informação, era de se esperar que se o discurso destes movimentos espelhasse realmente o pensamento da

¹¹ Nas descrições, como regra geral, apresentaremos os dados até a casa da unidade, ainda que as tabelas apresentem, para a prevalência, a casa decimal.

população de origem africana, que a categoria “Negra” suplantasse as demais, sobretudo a categoria “Preta”, utilizada pelo IBGE e bastante criticada pelos movimentos negros a partir dos anos 70¹².

Com relação às diferenças de declaração para o outro e para si mesmo, podemos dizer que no Brasil como um todo, bem como para a maioria das Regiões Metropolitanas analisadas, as categorias abertas com nuances adjetivas (“clara”, “morena clara”, “morena escura” e “escura”) foram mais utilizadas para os outros do que para si mesmo, ainda que com baixa incidência.

Com respeito à última linha da tabela com a distribuição nas categorias fechadas dos respondentes sobre o próprio e o outro, cumpre notar que as diferenças estão relacionadas principalmente ao tamanho da família. Se considerarmos o tamanho médio dos domicílios pela cor da pessoa de referência, notamos que os domicílios com pessoas de referência brancas e amarelas têm em média um tamanho menor (respectivamente 3,42 e 3,63 pessoas) do que a média global (3,64 pessoas), ao passo que aqueles com pessoas de referência pretas e pardas são em média maiores (respectivamente 4,02 e 3,87).

¹² Como explica Berriel (1990:8): “Apesar de correta a informação de Carlos Hasenbalg, de que ‘pouco se sabe sobre como se pensam a si mesmas as pessoas negras ou não brancas das camadas populares, mas é possível pensar que elas se valham de identidades sociais alternativas (pobre, favelado, paraíba, nordestino) e eventualmente mais atraentes que a de negro’ (Estudos Afro-Asiáticos nº13), **verificamos que, quando assumida a conscientização de negritude, optam para serem nominados de ‘negro’ em vez de ‘preto’.** Enquanto que aqueles que ainda não participam do Movimento Negro ou não questionaram sua realidade preferem se enquadrar como ‘preto’, sendo até mesmo suscetíveis à denominação de ‘negro’”.(grifos nossos)

4.1 RECIFE

Tabela 3 – Declaração da resposta aberta versus a resposta fechada de cor segundo o declarante (o próprio e um outro) e a razão das duas distribuições para valores acima de 1% - Recife

	Respondendo sobre o “outro”					Respondendo sobre o “próprio”					Razão				
	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena
BRANCA	75,1%	2,1%	0,9%	40,5%	3,8%	73,0%	1,5%	1,8%	13,2%	1,0%	1,37	0,49	3,07	3,73	1,37
BRASILEIRA	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%					
CLARA	0,5%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	1,9%	0,0%			0,00		
MORENA CLARA	6,7%	10,7%	2,0%	12,2%	10,4%	6,5%	10,2%	3,0%	15,1%	13,4%		0,67		0,78	
MORENA	17,4%	82,2%	61,4%	28,4%	78,6%	19,7%	81,5%	58,6%	24,5%	79,4%					
MESTIÇA	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%					
PARDA	0,1%	3,7%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	5,5%	0,5%	1,9%	0,0%	0,67		0,00		0,67
MULATA	0,0%	0,3%	0,5%	0,0%	0,0%	0,1%	0,5%	0,5%	0,0%	1,0%				0,00	
MORENA ESCURA	0,1%	0,7%	5,3%	0,0%	1,6%	0,1%	0,4%	1,8%	0,0%	1,0%		2,97		1,60	
ESCURA	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%					
NEGRA	0,0%	0,1%	13,5%	0,0%	0,5%	0,1%	0,3%	14,9%	0,0%	1,0%				0,53	
PRETA	0,0%	0,1%	16,1%	0,0%	0,5%	0,0%	0,1%	18,7%	1,9%	0,0%			0,00		
AMARELA	0,1%	0,0%	0,0%	18,9%	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	41,5%	0,0%			0,46		
INDÍGENA	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	4,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	3,1%				1,42	
Observações	3681	3859	932	74	182	1420	1519	396	53	97					
Distribuição	42,2%	44,2%	10,7%	0,8%	2,1%	40,7%	43,6%	11,4%	1,5%	2,8%					

Na RM de Recife a maior consistência entre as declarações – mais de 80% - ocorreu entre aqueles que declaram a categoria “Parda” no quesito fechado e declaram “Morena” na pergunta aberta, tanto no caso da declaração para si mesmo quanto para o outro. Outros 10% ainda declaram a categoria “Morena Clara”, mais para si mesmo que para o outro. De 4 a 5,5% identificam a própria categoria “Parda” no quesito aberto, tanto para si quanto para o outro e, ainda, 1,5 a 2% escolhem o termo “Branca”, mais para si mesmo que para identificar outra pessoa do domicílio.

A segunda maior coincidência encontrada foi na proporção de “Indígenas” no quesito fechado que declaram também a categoria “Morena” no quesito aberto – entre 78 e 79% - também em ambos os casos, para si e para o outro. Entre 10 e 13% preferem o termo acrescido do adjetivo, “Morena Clara”, em ambos os casos, tanto para identificar a si mesmo quanto para identificar o outro. Entre 3 e 4% apenas, utilizam a mesma categoria “Indígena” na pergunta aberta, tanto para si mesmo quanto para o outro. 1 a 4% fazem uso da categoria “Branca” no quesito aberto, mais para identificar outra pessoa do domicílio que a si mesmo e entre 1 e 1,5% utilizam o termo “Morena” acrescido do adjetivo “Escura”, tanto para si quanto para identificar outra pessoa.

A seguir, podemos encontrar aqueles que declaram a categoria “Branca” – entre 73 e 75% - e que também declaram a mesma categoria no quesito aberto, neste caso mais para o outro do que para si mesmo. Uma grande proporção, entre 17 e 20%, utilizam a categoria “Morena”, independentemente de para si ou para designar o outro e em torno de 6,5% a utilizam acrescida do adjetivo “Clara” nas mesmas circunstâncias.

Entre aqueles que designam o termo “Preta” na pergunta fechada, mais da metade (entre 58 e 61%) prefere a identificação pela categoria “Morena”, tanto para si mesmo quanto para identificar o outro. Um número expressivo – entre 16 e 18% - também utiliza a mesma categoria “Preta” na opção de quesito aberto, também em ambos os casos, para si e para o outro. Entre 13,5% e 15% fazem uso da categoria “Negra”, também para si e para o outro. De 2 a 5% utilizam a categoria “Morena Escura”, também nos dois casos, para si e para o outro e entre 2 e 3% ainda usam o mesmo termo trocando o adjetivo para “Clara”.

Por último, observamos as coincidências entre aqueles que declaram a categoria “Amarela” no quesito fechado, que são exatamente aqueles que menos se concentram em termos de escolhas de categorias na opção de quesito aberto: 40,5% preferem o termo “Branca” quando se referem ao outro e outros 41,5% utilizam a mesma categoria “Amarela” quando se trata de designar a si mesmo. Entre 24 e 28% escolhem a categoria “Morena”, para si ou para o outro. Outros 12 a 15% usam a categoria acrescida do adjetivo “Morena Clara” mais para designar a si mesmo que outra pessoa.

Cumpramos notar que é em Recife que encontramos o menor grau de coincidência entre os quesitos aberto e fechado homônimos: 74,5% para “Branca”, 28,3% para “Amarela”, 16,9% para “Preta” e 4,2% para “Parda”. Estas duas últimas categorias, preferencialmente, declaram “Morena” no quesito aberto.

4.2 BELO HORIZONTE

Tabela 4 – Declaração da resposta aberta versus a resposta fechada de cor segundo o declarante (o próprio e um outro) e a razão das duas distribuições para valores acima de 1% - Belo Horizonte

	Respondendo sobre o “outro”					Respondendo sobre o “próprio”					Razão				
	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena
BRANCA	75,1%	0,6%	0,3%	2,3%	0,7%	76,5%	1,0%	0,3%	4,8%	3,1%		0,60		0,48	0,23
BRASILEIRA	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%					
CLARA	7,8%	1,0%	0,2%	2,3%	0,7%	4,9%	1,1%	0,0%	4,8%	0,0%	1,61			0,48	
MORENA CLARA	6,7%	15,2%	0,9%	18,2%	7,9%	6,7%	11,7%	1,0%	14,3%	9,4%		1,30		1,27	
MORENA	10,0%	70,1%	22,7%	34,1%	67,6%	11,4%	71,1%	24,7%	28,6%	72,9%					
MESTIÇA	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,2%	0,0%	0,0%					
PARDA	0,0%	9,1%	0,1%	2,3%	1,4%	0,0%	11,4%	0,3%	0,0%	1,0%		0,80			1,38
MULATA	0,0%	0,6%	1,3%	0,0%	3,6%	0,1%	0,6%	0,5%	0,0%	0,0%					
MORENA ESCURA	0,1%	2,6%	7,7%	0,0%	7,2%	0,1%	1,5%	4,4%	0,0%	2,1%		1,69	1,78		3,45
ESCURA	0,1%	0,2%	7,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,2%	4,5%	0,0%	1,0%			1,62		0,00
NEGRA	0,0%	0,4%	33,4%	2,3%	1,4%	0,0%	0,8%	35,2%	0,0%	2,1%					0,69
PRETA	0,0%	0,2%	26,1%	0,0%	0,7%	0,2%	0,3%	29,0%	4,8%	2,1%				0,00	0,35
AMARELA	0,0%	0,0%	0,0%	38,6%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	42,9%	0,0%					
INDÍGENA	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	8,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	6,3%					1,38
Observações	5734	4461	1381	44	139	2674	2076	620	21	96					
Distribuição	48,8%	37,9%	11,7%	0,4%	1,2%	48,7%	37,8%	11,3%	0,4%	1,7%					

Na RM de Belo Horizonte, a coincidência mais elevada de declarações pode ser encontrada entre os que declaram a categoria “Branca” nas duas opções de quesito, fechado e aberto – em torno de 75%, independente de se identifica a si mesmo ou outra pessoa do domicílio. De 10 a 11% preferem a declaração de “Morena”, tanto para identificar a si mesmo quanto o outro. Em torno de 7% utilizam a mesma categoria acrescida do adjetivo “Morena Clara” também para ambos, na declaração de si mesmo ou do outro e entre 5 e 8% utilizam apenas a categoria “Clara”, neste caso, mais para designar o outro que a si mesmo.

A declaração de “Indígena” no quesito fechado corresponde, entre 68 e 73%, à declaração de “Morena” no quesito aberto, seja para classificar a si mesmo ou ao outro. Entre 6,3 e 8,6% fazem uso da mesma categoria “Indígena” no quesito aberto, mas mais para identificar o outro que a si mesmo. Entre 2 e 7% usam “Morena Escura”, mas numa proporção muito maior para o caso de identificar o outro que a si mesmo. Entre 8 e 9,5% usam a categoria “Morena Clara” em ambos os casos. Outros 3,6% usam a categoria “Mulata” quando falam do outro e não de si mesmos. Entre 1,4 e 2% usam a categoria “Negra”, mais para falar de si mesmos e entre 1 e 1,4% usam, ainda, a categoria “Parda”, mais para designar outra pessoa.

Em torno de 70%, aqueles que declaram a categoria “Parda” na opção fechada usam a categoria “Morena” na opção aberta, para si ou para o outro. De 12 a 15% a utilizam acrescida do adjetivo “Morena Clara”, mais para falar do outro que de si mesmo. Entre 9 e 11% conservam a categoria “Parda” no quesito aberto, neste caso mais para si mesmo que para designar outra pessoa. Entre 1,5 e 2,5% preferem outro adjetivo, “Morena Escura”, utilizando-o mais para si mesmos que para atribuí-lo a outra pessoa.

Aqueles que declaram “Preta” na alternativa fechada constituem o grupo dos que mais se dispersam em diferentes categorias na alternativa aberta, no caso de Belo Horizonte. A maior parte – entre 33 e 35% - preferem a categoria “Negra”, para si mesmos e também para designar outra pessoa. Outros 26 a 29% utilizam a mesma categoria “Preta” no quesito aberto, em ambos os casos, para si mesmos e para o outro. E em torno de 23 e 25% escolhem o termo “Morena”, para si e para o outro. Outros 15% escolhem “Morena Escura” ou simplesmente “Escura”, em ambos os casos, mais para designar outra pessoa que a si mesmos. Percebe-se que em Belo Horizonte existe uma maior preferência pela categoria “Negra” que “Preta”, seguindo as tendências apontadas pelos movimentos negros.

Entre aqueles que declaram a categoria “Amarela”, na opção de quesito fechado, encontramos uma maior concentração na mesma categoria “Amarela” – entre 39 e 43% - tanto para designar a si mesmos quanto o outro e entre 29 e 34% optando pela categoria “Morena”, para si mesmos ou para o outro. Entre 14 e 18% usam a categoria “Morena Clara” mais para designar outra pessoa que a si mesmos. Uma pequena parcela – entre 2,3 e 4,8% em cada uma das alternativas - ainda escolhem as categorias “Branca”, “Clara”, “Parda” ou “Negra” no quesito aberto, nos dois primeiros casos, mais quando falam de si mesmos.

Com relação às diferenças de declaração para o outro e para si mesmo, podemos dizer que, assim como foi observado para o Brasil como um todo, as categorias abertas com nuances adjetivas (“clara”, “morena clara”, “morena escura” e “escura”) foram também mais utilizadas para os outros do que para si mesmo.

4.3 SALVADOR

Tabela 5 – Declaração da resposta aberta versus a resposta fechada de cor segundo o declarante (o próprio e um outro) e a razão das duas distribuições para valores acima de 1% - Salvador

	Respondendo sobre o “outro”					Respondendo sobre o “próprio”					Razão				
	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena
BRANCA	87,3%	1,6%	0,2%	2,5%	0,0%	87,2%	1,8%	0,0%	4,8%	0,0%				0,53	
BRASILEIRA	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%					
CLARA	2,0%	0,5%	0,1%	2,5%	0,0%	1,3%	0,5%	0,1%	0,0%	0,0%	1,53				
MORENA CLARA	4,2%	5,2%	0,5%	15,0%	4,1%	4,4%	4,1%	0,3%	23,8%	4,9%		1,26		0,63	
MORENA	5,4%	40,7%	7,9%	5,0%	43,8%	5,9%	37,9%	10,5%	4,8%	46,3%			0,75		
MESTIÇA	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%					
PARDA	0,6%	46,3%	0,9%	0,0%	1,4%	0,4%	49,4%	1,0%	4,8%	4,9%				0,00	0,28
MULATA	0,1%	1,7%	2,8%	0,0%	1,4%	0,0%	1,8%	1,4%	0,0%	0,0%			1,98		
MORENA ESCURA	0,1%	2,0%	1,8%	0,0%	12,3%	0,1%	1,4%	1,6%	4,8%	7,3%		1,43		0,00	1,68
ESCURA	0,0%	0,6%	6,8%	0,0%	1,4%	0,0%	0,5%	5,3%	0,0%	2,4%			1,29		0,56
NEGRA	0,1%	0,8%	33,7%	0,0%	1,4%	0,0%	1,6%	36,1%	0,0%	0,0%		0,50			
PRETA	0,1%	0,3%	45,3%	0,0%	2,7%	0,1%	0,7%	43,6%	0,0%	2,4%					
AMARELA	0,2%	0,1%	0,1%	75,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,1%	52,4%	4,9%				1,43	0,00
INDÍGENA	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	31,5%	0,0%	0,0%	0,0%	4,8%	26,8%				0,00	
Observações	1900	5161	1853	40	73	766	1864	704	21	41					
Distribuição	21,0%	57,2%	20,5%	0,4%	0,8%	22,6%	54,9%	20,7%	0,6%	1,2%					

Em Salvador, a maior concentração pode ser encontrada na categoria “Branca”, onde 87% utilizam o mesmo termo na opção de resposta aberta ao quesito de cor, seja para designar a si ou a outra pessoa do domicílio. Apenas 5,5% escolhem a categoria “Morena” e outros 4% a categoria acrescida de adjetivo “Morena Clara”, para falar de si mesmos ou de outro. Cerca de 2% ainda usam simplesmente o termo “Clara”, mais quando falam de outra pessoa que sobre si mesmos.

Entre os que declaram “Parda” na pergunta fechada, encontramos maior concentração – 49 a 46% - declarando a mesma categoria na opção aberta, em ambas as situações, quando falam de si mesmos ou do outro. Em torno de 40% escolhem a categoria “Morena”, também nos dois casos. De 4 a 5% declaram “Morena Clara”, mais para o outro que para si mesmos. De 1,5 a 2% “Morena Escura”, também mais para falar de outra pessoa do domicílio e, ainda, cerca de 1,6 a 1,8%, declaram a categoria “Branca”, independente de para si ou para designar outra pessoa. E outros 1,8%, ainda, fazem uso da categoria “Mulata”, tanto para si quanto para o outro.

Daqueles que declaram “Preta”, em torno de 45% também escolhem o mesmo termo na opção de quesito aberto, para si e para o outro. Um número um pouco mais reduzido, em torno de 35%, preferem a categoria “Negra”, tanto para designar a si próprio quanto outra pessoa no domicílio, seguindo a tendência apontada pelos dados gerais para o Brasil como um todo e diferente dos resultados para Belo Horizonte. De 8 a 10% optam pela categoria “Morena”, mais quando falam de si mesmos. Entre 5 e 7% usam a categoria “Escura”, mais para falar do outro que de si mesmos. Entre 2 e 3% usam a categoria “Mulata”, mais uma vez para atribuí-la a outra pessoa e outros 2% preferem usar “Morena Escura”, neste caso tanto para si mesmos quanto para o outro.

Entre os que declaram “Amarela”, de 50 a 75% utilizam o mesmo termo na pergunta aberta, numa proporção maior para designar o outro. Trata-se da segunda mais elevada coincidência de categorias da RM de Salvador, atrás apenas da categoria “Branca”. Entre 15 e 24% preferem o termo “Morena Clara”, neste caso mais para falar de si mesmos. Outros 5% utilizam apenas o termo “Morena” para si e para o outro. “Morena Escura” e “Parda” ainda são a preferência para outros 5% cada uma, nos dois casos, mais para falar sobre si mesmos.

À declaração de “Indígena” corresponde em cerca de 45% à categoria “Morena” na opção aberta, para designar a si mesmo ou o outro. Entre 7 e 12% optam por “Morena Escura”, mais para designar o outro. De 4 a 5% utilizam “Morena Clara”, para designar a si e o outro. De 1,4 a 5% usam “Parda”, mais para falar de si mesmos. Outros 5% usam “Amarela”, apenas quando falam de si mesmos, 2,5% “Preta”, tanto para si como para o outro e, ainda, entre 1,5 e 2,5% “Escura”, mais para designar a si mesmos que o outro.

Em linhas gerais, podemos dizer que o comportamento na RM de Salvador reproduz o Brasil e a RM de Belo Horizonte, com relação às diferenças de declaração para o outro e para si mesmo: categorias abertas com nuances adjetivas foram também mais utilizadas para os outros do que para si mesmo.

4.4 RIO DE JANEIRO

Tabela 6 – Declaração da resposta aberta versus a resposta fechada de cor segundo o declarante (o próprio e um outro) e a razão das duas distribuições para valores acima de 1% - Rio de Janeiro

	Respondendo sobre o “outro”					Respondendo sobre o “próprio”					Razão				
	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena
BRANCA	94,6%	1,2%	0,6%	27,3%	2,2%	95,1%	1,4%	0,7%	0,0%	6,3%					0,36
BRASILEIRA	0,1%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,1%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%					
CLARA	0,9%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%	0,6%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%					
MORENA CLARA	0,3%	2,0%	0,2%	0,0%	1,1%	0,5%	1,6%	0,0%	0,0%	0,0%		1,24			
MORENA	3,7%	38,0%	4,7%	36,4%	66,3%	3,2%	34,4%	4,2%	35,7%	75,0%					
MESTIÇA	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	1,1%	0,1%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%					
PARDA	0,2%	51,3%	2,8%	0,0%	5,6%	0,3%	54,8%	3,0%	7,1%	3,1%			0,00	1,80	
MULATA	0,1%	5,4%	3,3%	0,0%	2,2%	0,0%	5,3%	2,8%	0,0%	3,1%					0,72
MORENA ESCURA	0,0%	0,2%	0,3%	0,0%	2,2%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%					
ESCURA	0,0%	0,4%	5,5%	0,0%	2,2%	0,0%	0,3%	3,3%	0,0%	0,0%		1,64			
NEGRA	0,0%	0,7%	22,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,9%	28,0%	0,0%	0,0%					
PRETA	0,0%	0,4%	59,9%	0,0%	1,1%	0,0%	0,3%	57,9%	0,0%	3,1%					0,36
AMARELA	0,0%	0,1%	0,1%	36,4%	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	57,1%	0,0%			0,64		
INDÍGENA	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	15,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	9,4%					1,68
Observações	6447	3272	1191	22	89	3028	1481	542	14	32					
Distribuição	58,5%	29,7%	10,8%	0,2%	0,8%	59,4%	29,1%	10,6%	0,3%	0,6%					

No RJ a declaração de “Branca” apresenta um dos mais elevados índices de correspondência à mesma categoria na pergunta aberta – em torno de 95%, independente de se o informante declara sua própria cor ou a de outra pessoa.. Apenas 4% optam pela categoria “Morena” no quesito aberto e cerca de 1% pela categoria “Clara”.

Na declaração de “Parda”, mais da metade – entre 51 e 54% - declaram a mesma categoria na pergunta aberta e entre 35% e 38% a categoria “Morena”. Nos dois casos, tanto para si quanto para designar outra pessoa. Outros 5% escolhem a categoria “Mulata”, para si ou o outro e 2% “Morena Clara”, neste caso mais para designar outra pessoa que a si mesmo. Pouco mais de 1% ainda usam a categoria “Branca”, seja para si mesmo, seja para outra pessoa.

Na declaração de “Preta”, entre 58 e 60% usam a mesma categoria na pergunta aberta, para si e para o outro. De 23 a 28% já preferem a categoria “Negra”, seja para designar a si mesmos ou outra pessoa. Entre 3 e 5,5% escolhem a categoria “Escura”, neste caso mais para designar o outro que a si mesmos. Outros 3% usam “Mulata” e outros 3% “Parda”, para si e para o outro. E, ainda, cerca de 5% preferem a categoria “Morena” seja para designar a si mesmos seja para designar o outro.

Entre os que declaram “Amarela”, de 36 a 57% utilizam a mesma categoria na pergunta aberta, mais quando se trata de designar a si mesmos que para designar a cor de outra pessoa. Cerca de 36% declaram a categoria “Morena”, seja para si ou o outro e, ainda encontramos 27% dos entrevistados que declaram a categoria “Branca”, quando para designar a cor de outra pessoa. Outros 7% usam o termo “Parda”, apenas quando falam de si mesmos.

No caso da declaração de “Indígena” temos que entre 66 a 75% declaram, na pergunta aberta, a categoria “Morena” para si ou para o outro e apenas entre 9 a 15% usam a mesma categoria “Indígena”, neste caso muito mais para designar o outro que a si próprio. De 3 a 5,5% declaram a categoria “Parda”, mais uma vez para designar mais outra pessoa que o próprio. Entre 2 e 6 % declaram a categoria “Branca”, neste caso, mais para si mesmo. De 2 a 3% usam a categoria “Mulata” e entre 1 e 3% a categoria “Preta”, em ambos os casos, também, mais para a declaração de si mesmo. Cerca de 2% declaram “Morena Escura” e outros 2% simplesmente “Escura”, apenas para a declaração de outra pessoa.

Na RM do Rio de Janeiro, as categorias abertas que apresentam diferenças entre as declarações para si mesmo e para o outro também privilegiam as formas adjetivas para os outros: “morena clara” para “Parda” e “escura” para “Preta”.

4.5 SÃO PAULO

Tabela 7 – Declaração da resposta aberta versus a resposta fechada de cor segundo o declarante (o próprio e um outro) e a razão das duas distribuições para valores acima de 1% - São Paulo

	Respondendo sobre o “outro”					Respondendo sobre o “próprio”					Razão				
	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena
BRANCA	93,8%	1,2%	0,7%	3,9%	1,5%	73,5%	2,4%	0,0%	0,8%	0,0%	1,28	0,48			
BRASILEIRA	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%					
CLARA	0,6%	0,1%	0,0%	0,7%	0,0%	2,2%	0,1%	0,0%	0,8%	0,0%	0,29				
MORENA CLARA	1,6%	4,6%	0,1%	0,0%	11,9%	5,5%	3,3%	0,0%	0,0%	13,8%	0,29	1,40			
MORENA	3,6%	60,3%	10,3%	2,0%	62,7%	17,2%	56,9%	7,2%	2,3%	58,6%	0,21		1,42		
MESTIÇA	0,0%	0,0%	0,2%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%					
PARDA	0,2%	31,8%	1,4%	0,3%	3,0%	0,8%	35,8%	2,7%	0,8%	3,4%			0,50		
MULATA	0,0%	0,4%	2,4%	0,0%	0,0%	0,1%	0,5%	1,5%	0,0%	3,4%			1,57		0,00
MORENA ESCURA	0,0%	0,7%	1,7%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%					
ESCURA	0,0%	0,1%	0,5%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%					
NEGRA	0,0%	0,7%	41,7%	0,0%	6,0%	0,1%	0,7%	45,2%	0,0%	3,4%					1,73
PRETA	0,0%	0,2%	40,9%	0,0%	0,0%	0,0%	0,1%	43,1%	0,0%	0,0%					
AMARELA	0,0%	0,0%	0,0%	93,1%	0,0%	0,7%	0,0%	0,0%	95,4%	0,0%					
INDÍGENA	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	14,9%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	17,2%					
Observações	8177	3178	806	306	67	909	1392	332	130	29					
Distribuição	65,2%	25,4%	6,4%	2,4%	0,5%	32,6%	49,9%	11,9%	4,7%	1,0%					

Em SP de 73 a 93% dos declarados de cor “Branca” usam a mesma categoria na pergunta aberta, numa proporção mais elevada para indicar a cor do outro que a própria. Entre 3 e 17% usam “Morena”, entre 1,5 e 5,5% “Morena Clara” e cerca de 2% simplesmente o termo “Clara”, nos três casos mais para designar a própria cor que a do outro. Ou seja, os declarados de cor “Branca”, em SP, tendem a declarar o termo muito mais quando falam do outro, apreciando bastante a categoria “Morena” para falarem sobre si mesmos.

A declaração de cor “Amarela” apresenta em SP o maior índice de coincidência na declaração aberta, porque entre 93 e 95% assim declaram, tanto para si mesmos quanto na declaração do outro. Apenas 4% utilizam a categoria “Branca”, mais para designar o outro e 2% a categoria “Morena”, neste caso, tanto para designar a si mesmos quanto outra pessoa.

Entre aqueles que fazem a declaração de “Parda”, entre 57 e 60% usam a categoria “Morena” e entre 31 e 36% a própria categoria “Parda”, nos dois casos, para si e para o outro. De 3 a 4,5% ainda usam a categoria “Morena Clara”, mais para designar outra pessoa e de 1 a 2,5% a categoria “Branca”, mais quando classificam a si mesmos.

A declaração de “Preta” divide-se mais eqüitativamente entre duas categorias: “Preta” – entre 41 e 43% - e “Negra” - entre 41 e 45%, seja para si mesmo, seja para designar outra pessoa. Entre 7 e 10% fazem uso da categoria “Morena”, mais para falar de outra pessoa que de si mesmo, da mesma forma em que fazem uso da categoria “Mulata” em 1,5 e 2,5% dos casos. Entre 1,4 e 2,7% declaram a categoria “Parda” na pergunta aberta, mais para falar de si mesmos que do outro e 1,7% “Morena Escura”, quando falam de outra pessoa.

Com a declaração de “Indígena” constatamos que mais da metade das declarações – entre 59 e 63% - incidem sobre a categoria “Morena” e de 12 a 14% “Morena Clara”, tanto quanto falam de si quanto do outro. Apenas entre 15 e 17% usam a mesma categoria “Indígena” na declaração aberta, para si ou o outro. De 3 a 6% usam a categoria “Negra”, neste caso para falar mais do outro que de si mesmos e outros 3% a categoria “Parda”, igualmente para si ou para o outro. Outros 1,5% ainda usam a categoria “Branca” quando designam outra pessoa.

4.6 PORTO ALEGRE

Tabela 8 – Declaração da resposta aberta versus a resposta fechada de cor segundo o declarante (o próprio e um outro) e a razão das duas distribuições para valores acima de 1% - Porto Alegre

	Respondendo sobre o "outro"					Respondendo sobre o "próprio"					Razão				
	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena
BRANCA	95,1%	2,9%	1,2%	14,3%	6,3%	95,9%	4,1%	1,2%	0,0%	6,4%		0,71		X	
BRASILEIRA	1,0%	0,8%	0,1%	0,0%	0,0%	1,0%	0,6%	0,3%	9,1%	0,0%				0,00	
CLARA	0,4%	0,8%	0,0%	0,0%	1,6%	0,4%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%					
MORENA CLARA	1,2%	6,5%	0,4%	7,1%	6,3%	0,7%	4,7%	0,3%	9,1%	4,3%		1,40		0,79	1,49
MORENA	2,2%	30,6%	12,3%	7,1%	36,5%	1,8%	31,3%	7,7%	36,4%	40,4%	1,22		1,60	0,20	
MISTIÇA	0,0%	1,1%	0,3%	7,1%	1,6%	0,0%	0,9%	0,6%	0,0%	4,3%					0,37
PARDA	0,1%	52,5%	0,1%	0,0%	3,2%	0,0%	52,5%	0,3%	0,0%	4,3%					0,75
MULATA	0,0%	2,2%	1,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,9%	0,6%	0,0%	0,0%					
MORENA ESCURA	0,0%	0,4%	0,1%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%					
ESCURA	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,3%	0,0%	0,0%	0,0%					
NEGRA	0,0%	1,4%	22,0%	0,0%	0,0%	0,0%	3,1%	26,2%	0,0%	0,0%		0,44			
PRETA	0,0%	0,8%	61,8%	0,0%	0,0%	0,0%	0,9%	62,7%	0,0%	0,0%					
AMARELA	0,0%	0,0%	0,0%	50,0%	1,6%	0,0%	0,0%	0,0%	45,5%	0,0%					
Observações	7892	733	738	14	63	3975	320	324	11	47					
Distribuição	83,6%	7,8%	7,8%	0,1%	0,7%	85,0%	6,8%	6,9%	0,2%	1,0%					

É em Porto Alegre e no Rio de Janeiro (num menor grau) que existe uma maior coincidência entre os quesitos aberto e fechado (com exceção de “Amarela” que, como já mencionado, em São Paulo apresenta uma coincidência de 93,8%): 95,4 e 94,8%, respectivamente, para “Branca”, 62,1 e 59,3%, para “Preta” e 52,5 e 52,4%, para “Parda”.

Em Porto Alegre a declaração de “Branca” incide em 95% dos casos sobre a mesma categoria na pergunta aberta, independente de se o informante fala de si mesmo ou declara a cor do outro. Ainda nesta coluna, cerca de 2% declaram a categoria “Morena”, mais quando fazem referência a si mesmos, 1% “Morena Clara” e outros 1% “Brasileira”, nestes dois casos, tanto para si como para o outro.

A declaração de cor “Amarela” apresenta em Porto Alegre um índice muito baixo (cerca de 0,1% dos entrevistados), sendo que destes, cerca de metade é classificado ou classifica-se como de cor “Amarela”.

Entre aqueles que fazem a declaração de “Parda” cerca de 52% utilizam a mesma categoria no quesito aberto. Um pouco mais de 30% usam a categoria “Morena”, em ambos os casos para si e para o outro. De 3 a 4% usam “Branca”, de preferência para designar a si mesmos e de 5 a 6,5% usam “Morena Clara”, neste caso, mais para falar de outra pessoa. Entre 1,5 e 3% usam a categoria “Negra”, mais quando fazem referência a si mesmos.

A declaração de “Preta” no quesito fechado corresponde com maior frequência, como já mencionado, à mesma categoria no quesito aberto. Os demais declaram-se ou são declarados, preferencialmente e nesta ordem, como de cor “Morena” (de 8 a 12%) e “Negra” (de 22 a 26%). No primeiro caso, mais para falar de outra pessoa e no segundo, em ambas as situações.

Entre os que declaram “Indígena” na amostra de Porto Alegre, de 36 a 40% declaram “Morena” na classificação aberta, para si mesmos ou para o outro. Pouco mais de 6% declaram “Branca”, tanto para si quanto para o outro e entre 4 e 6% declaram “Morena Clara”, mais quando falam do outro que de si mesmos. De 3 a 4% declaram “Parda” e entre 1,6 e 4,3% “Mestiça”, em ambos os casos mais para si mesmos.

4.7 EQUIVALÊNCIA ENTRE CATEGORIAS

O ideal seria termos algum tipo de equivalência entre as categorias fechadas e os termos utilizados no discurso aberto. Para se ter uma idéia desta especificidade dos termos construímos duas tabelas. Na primeira (ver Tabela 9) consideramos a dispersão relativa das respostas abertas para cada categoria fechada e na outra (ver Tabela 12) a dispersão relativa das respostas fechadas com respeito a cada opção de resposta aberta. Supomos que a situação ideal seria a de que todos os indivíduos que fossem classificados numa dada categoria fechada estivessem concentrados numa categoria aberta considerada por eles mesmos equivalente (não obrigatoriamente com o mesmo termo). Ao cruzar as categorias fechadas com as abertas, caso as respostas abertas para uma das categorias fechadas estivessem todas concentradas numa única opção, o valor tabelado seria 100%. Complementarmente, se a uma dada resposta aberta, todas as categorias do quesito fechado estivessem concentradas em uma única opção, o valor seria também 100%. Esta segunda situação ocorre, por exemplo, para a resposta aberta de “Indígenas”, tanto em São Paulo quanto em Recife. Por outro lado, na coluna “Indígena” da Tabela 9 o valor não é 100% pois, entre os indivíduos que assim se declararam no quesito fechado, nem todos se

declararam também “Indígenas” no quesito aberto. Mesmo que o valor na tabela fosse 100%, cumpre notar que as respostas aberta e fechada não obrigatoriamente coincidem na forma. Por exemplo, o valor de 100% para “Escura” em Recife e em Porto Alegre significa que todos os indivíduos que assim se declararam (ou que foram assim declarados por outrem) no quesito aberto estão concentrados numa única opção do quesito fechado, no caso “Preta” na primeira RM (o que pode ser verificado na Tabela 3) e “Parda” na segunda (ver Tabela 8).

A Tabela 9 apresenta a dispersão relativa das respostas abertas para uma dada categoria fechada (o valor é igual a 100% quando para uma dada categoria fechada todas as respostas abertas estão concentradas em uma única categoria e igual a zero se todas as respostas abertas tem valores iguais). Assim, observando a tabela percebemos que a categoria “Branca” aparece mais concentrada em Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo do que em Salvador, Recife e Belo Horizonte; a categoria “Parda” mais concentrada em Recife (82,0% declararam a cor “Morena” no quesito aberto) e menos em Porto Alegre e Salvador (nesta região metropolitana os declarados como de cor “Parda” no quesito fechado estão distribuídos em, basicamente duas categorias: 47,2% na categoria homônima e 40,0% na categoria “Morena”); a categoria “Preta” mais concentrada em Porto Alegre, Rio de Janeiro e Recife; a categoria “Amarela” esta muito mais concentrada em São Paulo do que em qualquer outra RM e a categoria “Indígena” aparece mais concentrada em Recife (curiosamente não na categoria homônima, mas em “Morena” que parece uma categoria) que engloba quase todas as respostas não “Brancas” e menos em Salvador e Porto Alegre, ainda que com valores menores do que os encontrados para as demais categorias.

Tabela 9 – Dispersão Relativa das respostas abertas para categoria de cor/raça fechada segundo RMs

	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena
Recife	74,9	81,4	61,0	44,5	78,1
Salvador	86,6	58,2	52,9	67,0	50,1
Belo Horizonte	74,8	70,0	44,0	49,1	68,3
Rio de Janeiro	94,5	60,7	61,0	55,4	67,6
São Paulo	91,2	64,9	56,2	93,4	61,4
Porto Alegre	95,0	57,3	64,0	48,8	52,8
BRASIL	88,2	60,9	49,0	70,8	63,4

A Tabela 10 e a Tabela 11 apresentam, respectivamente para as informações sobre o outro morador e a auto-classificação, as mesmas estatísticas da tabela anterior. Em linhas gerais podemos dizer que os valores para as informações para outros moradores são mais dispersas (utilizam-se mais categorias abertas – possivelmente com adjetivos) do que para o próprio. As exceções são as categorias “Branca” em São Paulo e “Amarela” em Salvador.

Tabela 10- Dispersão Relativa das respostas abertas para categoria de cor/raça fechada segundo RMs – Informações sobre um outro morador

	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena
Recife	75,4	81,6	61,6	49,1	77,7
Salvador	86,6	58,0	52,9	74,6	50,7
Belo Horizonte	74,4	69,8	42,9	49,7	66,2
Rio de Janeiro	94,3	60,5	61,1	53,7	65,5
São Paulo	93,4	65,3	55,1	92,7	62,5
Porto Alegre	94,7	57,2	63,5	50,3	52,4
BRASIL	88,0	61,0	48,5	71,5	63,3

Tabela 11- Dispersão Relativa das respostas abertas para categoria de cor/raça fechada segundo RMs – Informações sobre o próprio morador

	Branca	Parda	Preta	Amarela	Indígena
Recife	73,7	80,8	59,7	46,7	78,9
Salvador	86,5	58,6	53,2	54,0	49,7
Belo Horizonte	75,8	70,5	46,6	48,8	71,6
Rio de Janeiro	94,8	61,4	61,2	64,6	73,9
São Paulo	73,5	64,1	59,1	95,1	59,1
Porto Alegre	95,7	57,5	65,3	55,3	53,4
BRASIL	88,7	60,9	50,5	69,5	63,7

A Tabela 12 apresenta informações semelhantes às da Tabela 9, mas com a dispersão relativa das respostas fechadas para uma dada categoria aberta (o valor é igual a 100% quando para uma dada categoria aberta todas as respostas fechadas estão concentradas em uma única categoria e igual a zero se todas as respostas abertas tem valores iguais). Concluímos que a opção de escolha aberta, menos precisa na sua aceção regional, é positivamente “Morena” em Porto Alegre. Os termos que, homoganeamente em todas as regiões, têm um correspondente mais preciso nas respostas fechadas, são: “Branca”, “Parda”, “Negra”, “Preta” e “Indígena”.

Tabela 12 - Dispersão Relativa das respostas fechadas para cada categoria de cor/raça aberta segundo RMs

	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	BRASIL
BRANCA	94,7	93,8	98,6	98,5	98,1	99,2	98,1
BRASILEIRA	66,7*	100,0*	100,0*	77,9	87,5	88,6	86,9
CLARA	85,9	58,8	86,1	84,9	87,8	83,5	82,7
MORENA CLARA	55,6	66,7	60,6	69,3	57,9	59,2	58,6
MORENA	62,2	83,4	69,7	72,6	76,9	41,2	69,6
MISTIÇA	66,7*	87,4	79,7	60,0	54,8	46,1	61,6
PARDA	96,3	98,1	97,6	95,6	95,6	97,6	96,8
MULATA	56,5	65,1	52,8	76,3	57,2	60,6	66,3
MORENA ESCURA	55,4	63,0	53,9	59,1	62,1	61,2	54,4
ESCURA	100,0*	76,3	86,5	76,8	66,7	100,0*	79,1
NEGRA	92,6	90,7	92,5	89,3	90,4	90,5	90,9
PRETA	96,3	95,9	93,9	97,3	97,8	98,0	96,5
AMARELA	78,3	71,9	91,3	64,7	97,3	70,8	91,1
INDÍGENA	100,0	96,5	93,6	93,2	100,0	88,3	93,5

Nota: As células com * referem-se a grupos de menos de 5 indivíduos.

A Tabela 13 e a Tabela 14 apresentam, respectivamente para as informações sobre o outro morador e a auto-classificação, as mesmas estatísticas da tabela anterior. O que se nota é que para o outro as classificações são muito mais específicas (corresponde a menos termos da classificação fechada).

Tabela 13 - Dispersão Relativa das respostas fechadas para cada categoria de cor/raça aberta segundo RMs – Informações sobre um outro morador

	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	BRASIL
BRANCA	94,4	93,8	98,8	98,6	98,5	99,2	98,1
BRASILEIRA	66,7*	100,0*	100,0*	83,3	87,5	90,4	88,0
CLARA	88,6	59,6	87,5	84,0	89,4	76,9	83,4
MORENA CLARA	57,1	68,9	61,8	72,4	58,3	59,9	59,9
MORENA	63,0	84,8	70,7	72,7	77,4	41,6	70,4
MESTIÇA	100,0*	100,0	100,0*	46,8 *	46,8 *	52,5	67,4
PARDA	96,6	98,1	97,7	95,7	95,8	97,8	96,9
MULATA	62,1	62,9	50,8	75,0	63,0	60,1	64,6
MORENA ESCURA	58,0	64,8	54,0	50,6	61,0	54,8	54,8
ESCURA	100,0*	77,0	88,9	77,1	66,7		80,3
NEGRA	95,3	92,0	93,8	89,2	90,4	92,9	92,0
PRETA	96,1	96,5	95,7	97,3	97,2	98,1	96,9
AMARELA	69,8	76,8	100,0	59,8	98,7	60,0	92,6
INDÍGENA	100,0	100,0	100,0	91,9	100,0	84,9	94,0

Nota: As células com * referem-se a grupos de menos de 5 indivíduos. Células vazias correspondem a nenhuma ocorrência.

Tabela 14 - Dispersão Relativa das respostas fechadas para cada categoria de cor/raça aberta segundo RMs – Informações sobre o próprio morador

	Recife	Salvador	Belo Horizonte	Rio de Janeiro	São Paulo	Porto Alegre	BRASIL
BRANCA	95,6	93,8	98,2	98,4	93,8	99,1	98,1
BRASILEIRA				72,9*		85,2	84,8
CLARA	77,5	56,5	81,8	88,0	84,1	100,0	80,3
MORENA CLARA	51,8	60,7	58,1	64,7	57,4	57,0	55,7
MORENA	60,1	79,3	67,8	72,4	75,7	40,8	67,5
MESTIÇA	100,0*	72,9	70,2	70,0	100,0*	42,9	55,4
PARDA	95,7	97,9	97,5	95,4	95,3	97,1	96,5
MULATA	50,3	74,4	65,5	79,2	48,4	63,2	71,5
MORENA ESCURA	43,5	56,8	53,8	100,0*	100,0*	100,0*	53,3
ESCURA	100,0*	74,0	78,6	75,8		100,0*	75,2
NEGRA	87,3	87,8	89,8	89,4	90,4	86,2	88,7
PRETA	96,7	94,3	90,4	97,3	99,1	97,6	95,7
AMARELA	85,3	62,0	79,3	71,0	94,3	100,0	88,1
INDÍGENA	100,0	89,9	83,3	100,0	100,0	93,9	92,6

Nota: As células com * referem-se a grupos de menos de 5 indivíduos. Células vazias correspondem a nenhuma ocorrência.

No que se refere, especificamente, às coincidências perfeitas entre os termos das categorias fechadas e a utilização de seus homônimos na pergunta aberta (ver Tabela 15) podemos dizer que as categorias “Branca” em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre e “Amarela” em São Paulo, são as que apresentam maior percentual de coincidência – todas acima de 90%. As demais categorias apresentam um menor grau de aceitação por parte da população. É nas RMs do Rio de Janeiro e de Porto Alegre que as categorias “Preta” e “Parda” aparecem com um percentual mais elevado de coincidência, a primeira num patamar em torno de 60% e a última num patamar um pouco mais baixo de 52%. Cumpre notar que na RM de Porto Alegre, as categorias modais abertas são sempre homônimas das

fechadas correspondentes e que na RM do Rio de Janeiro, a discrepância é tão somente da população Indígena, que espontaneamente prefere a categoria omnibus de “Morena”¹³.

Tabela 15 – Proporção de coincidências entre as categorias fechadas e suas homônimas abertas segundo as RMs.

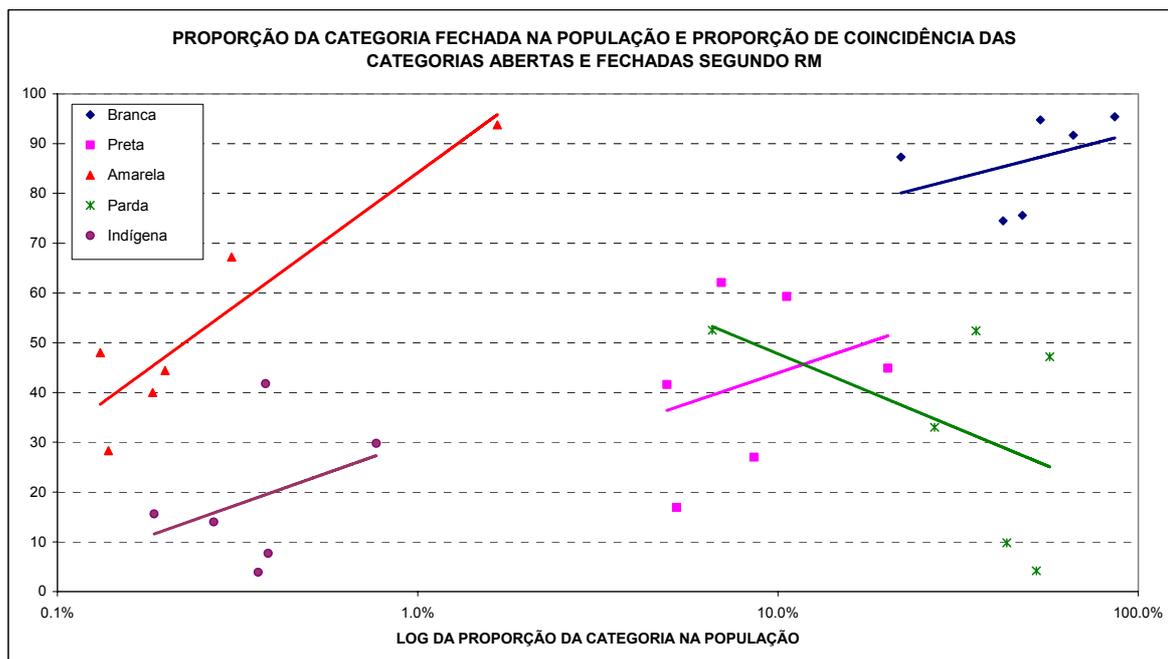
	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena
Recife	74,5	16,9	4,2	28,3	3,9
Salvador	87,3	44,9	47,2	67,2	29,8
Belo Horizonte	75,6	27,0	9,8	40,0	7,7
São Paulo	91,7	41,6	33,0	93,8	15,6
Rio de Janeiro	94,8	59,3	52,4	44,4	14,0
Porto Alegre	95,4	62,1	52,5	48,0	41,8
Brasil	88,9	41,4	29,8	71,6	14,7

Pensamos que uma maior população de uma dada categoria (fechada) deveria reforçar a identidade da mesma. Esta maior identidade do grupo deveria em tese se traduzir em um leque menor de escolhas de categorias abertas (no extremo a escolha de uma única categoria). Isto parece acontecer nas RMs estudadas para todas as categorias utilizadas pelo IBGE com exceção da “Parda”, fato evidenciado pelas linhas de tendência no Gráfico 1 que apresenta as proporções das categorias fechadas na população versus as proporções de coincidência das categorias abertas e fechadas segundo RM. Como esta categoria de alguma forma representa a miscigenação racial, um maior contingente possibilita a utilização de uma maior variedade de termos. Este fato é reforçado pelo que diz Nogueira (1985) sobre o preconceito de marca (o existente no Brasil) e o de origem (o existente, por exemplo, nos EUA):

Quanto à distinção entre diferentes minorias: onde o preconceito é de marca, o dogma da cultura prevalece sobre o da raça; onde o preconceito é de origem, dá-se o oposto. Conseqüentemente, onde o preconceito é de marca, as minorias menos endogâmicas e menos etnocêntricas são favorecidas; onde o preconceito é de origem, ao contrário, há maior tolerância para com as minorias mais endogâmicas e mais etnocêntricas.

¹³ Valle Silva (1996) já reconhece esta propriedade da categoria e a sua não especificidade para fins estatísticos.

Gráfico 1



Analisando-se as categorias fechadas cuja opção espontânea preferencial não foi a homônima (ver Tabela 16), observamos que na RM de Recife parece haver uma dicotomização, na qual a população é classificada em “Branca” ou “Morena”, sendo que os “Amarelos” seriam agrupados preferencialmente na primeira opção e as demais categorias fechadas todas na segunda opção. A notar a opção preferencial dos “Indígenas” pela categoria aberta “Morena” em todas as RMs, com exceção da de Porto Alegre (apesar de que tanto a pergunta aberta quanto a fechada mencionam cor ou raça). No outro extremo temos que para os indivíduos classificados na categoria fechada “Branca”, a opção aberta homônima é sempre modal. Das 14 células não vazias da Tabela 16, 11 referem-se a opção aberta “Morena”, reforçando a opinião já expressa por Valle e Silva (1996: 80-81) quando analisa os dados de 1976. Ou seja, de que “... o termo moreno não é um simples substituto para a categoria parda, embora possa abrangê-la. A preferência pela morenidade parece ter um escopo maior do que uma rejeição ao termo pardo”.

A discussão em torno de uma melhor opção para a categoria “Preta”, possivelmente substituindo-a pela categoria “Negra”, não tem um apoio dos resultados coletados, já que somente em duas das RMs, “Negra” sobrepuja “Preta” na categoria, sendo que em três, o inverso acontece (se não nos restringirmos às categorias modais, em 4 das RMs, os valores espontâneos da categoria aberta “Preta” são maiores do que os de “Negra”).

Tabela 16 – Proporção e Categoria aberta modal dada uma categoria fechada no caso da homônima aberta não ser coincidente segundo as RMs.

	Branca	Preta	Parda	Amarela	Indígena
Recife		Morena 82,0%	Morena 60,5%	Branca 29,1%	Morena 78,9%
Salvador					Morena 44,7%
Belo Horizonte		Negra 33,9%	Morena 70,4%		Morena 69,8%
São Paulo		Negra 42,7%	Morena 59,2%		Morena 61,5%
Rio de Janeiro					Morena 68,6%
Porto Alegre					
Brasil		Morena 56,7%			Morena 64,3%

Nota: Nas células sem informação, a categoria homônima aberta é modal.

5. COMENTÁRIOS E CONCLUSÕES

A pesquisa permite fazer considerações interessantes quanto ao uso regionalizado dos termos de classificação de cor ou raça, conforme já apontado pela literatura. Podemos dizer que na declaração de “Branca” em todas as RMs e na de “Amarela”, especificamente em São Paulo, encontramos os patamares mais elevados de coincidência ou aceitação da categoria utilizada pelo IBGE em quesito fechado (em torno de 90%). As demais combinações de cor e RM demonstraram que as categorias fechadas do IBGE são, sem sombra de dúvida, as mais escolhidas como opção aberta, com exceção da categoria omnibus “Morena”. No entanto, como este termo preferencial é não descritivo, obviamente a opção de respostas abertas não é uma solução. Este problema parece ser mais agudo entre a população indígena, para a qual a opção “Morena” foi a modal em todas as RMs, com exceção da de Porto Alegre. Isso nos remete à necessidade de realização de novas pesquisas no sentido de discutir os usos e os significados dos termos de identificação étnico-racial com vistas ao aprimoramento das formas de captação do fenômeno por parte dos órgãos de estatística.

Para isso é necessária uma discussão sobre o conceito que se quer mensurar com este tipo de quesito. Não há dúvida de que ele envolve múltiplas formas de identificação que podem estar referidas a fenótipo, genótipo, origem familiar, cultura, ideologia, etc.

Um fato se pode depreender da pesquisa: a discussão em torno de uma melhor opção para a categoria “Preta”, possivelmente substituindo-a pela categoria “Negra”, não tem um apoio dos resultados coletados, já que somente em duas das RMs, “Negra” sobrepuja “Preta” na categoria, sendo que em três, o inverso acontece (se não nos restringirmos às categorias modais, em 4 das RMs, os valores espontâneos da categoria aberta “Preta” são maiores do que os de “Negra”).

Com relação às diferenças de declaração para o outro e para si mesmo, podemos dizer que no Brasil como um todo, as categorias abertas com nuances adjetivas (“clara”, “morena clara”, “morena escura” e “escura”) foram mais utilizadas para os outros do que para si mesmo, ainda que com baixa incidência. É bom lembrar que o “outro” neste caso é ainda um “outro” próximo (já que pertencente à mesma família), e as descrições dificilmente tomariam caráter pejorativo.

Cabe lembrar que a pergunta de origem (não analisada neste texto) revelou que a população brasileira se remete, preferencialmente, a idéia de nação ou de povo, expressa na categoria modal “brasileira”, escolhida por mais de $\frac{3}{4}$ dos entrevistados.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe. Vida privada e ordem privada. In: ALENCASTRO, Luiz Felipe (org.). História da vida privada no Brasil, v.2, São Paulo: Companhia das Letras. 2006

ARAÚJO COSTA, Tereza Cristina N. O princípio classificatório 'cor', sua complexidade e implicações para um estudo censitário. Revista Brasileira de Geografia, v.36, n.3, p.91-106,jul./set.1974.

AZEVEDO, T. – As Elites de Cor: um estudo de ascensão social, Brasiliense, São Paulo, Cia Editora Nacional, 1955.

BERRIEL, Maria Maia de Oliveira. O Negro – uma identidade em construção, Cadernos do ICHF nº 33, UFF, setembro 1990.

CARVALHO, José Alberto Magno de, WOOD, Charles H., ANDRADE, Flávia Cristina Drumond. Estimating the stability of census-based racial/ethnic classifications: The case of Brazil, Population Studies, 58, 3, 2004, pp.331-343.

COSTA PINTO, L. A. – O Negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1952.

FERNANDES, F. – A Integração do Negro na Sociedade de Classes, São Paulo, Editora Ática, 1978.

HARRIS, Marvin – “The Brazilian Pattern” in: Patterns of Race in The Americas. N.Y. Columbia University Press, Walker and Company, 1964.

HARRIS, M & KOTTAK, K.C. – “The Structural Significance of Brazilian Racial Categories” in: Sociologia, vol XXV. Nº 3, SP, 1963.

HARRIS, Marvin. Town and Country in Brazil, N.Y. Columbia University Press, 1956.

_____, Referential ambiguity in the calculus of Brazilian racial identity, Southwestern Journal of Anthropology 14(4):1-14, 1970.

HUTCHINSON, H.W. – “Race relations in a rural community of the bahian recôncavo” in WAGLEY, C. (ed.) Race and Class in Rural Brazil, Paris, Unesco, 1952, p. 16-46.

IBGE. Censo demográfico 1940.

_____,Censo Demográfico 1950.

_____, Censo demográfico 1960.

_____,Censo Demográfico 1970.

_____,Resultados da apuração do boletim especial 1.02 da PNAD – 76, vol I – Brasil, Região 1, Departamento de Estatísticas de População e Sociais, 1979

_____,Censo Demográfico 1980.

_____,Censo Demográfico 1991.

_____. Manual do Recenseador Censo 1991

_____,Censo Demográfico 2000.

_____, Manual do Recenseador Censo 2000.

_____, Estatísticas do Século XX, 2003.

_____, Manual do Recenseador PME 2005.

KERSTENETZKY, Isac. Carta-resposta a moção da SBPC de 1976, *Ciência e Cultura*, 29 (4), abril 1977

KOTTAK, Conrad – “Race relations in a Bahian fishing village”, *Luso-Brazilian Review* 4(2):35-52, 1967.

NOGUEIRA, O. – *Negro Político, Político Negro*, São Paulo, EDUSP, 1992.

_____. Tanto Preto Quanto Branco: estudo de relações raciais, São Paulo, T. A. Queiroz Editor, 1985.

ONU – *Principes et Recommendations Concernant lês Recensements de Population de 1970. Études Statistiques, Serie M, numero 44, Nations Unies*, Nova Iorque, 1969.

PETRUCCELLI, José Luís – *A Cor Denominada, Textos para Discussão*, FIBGE, 2000.

PIERSON, Donald. *Negroes in Brazil*. Chicago. University of Chicago Press, 1951.

SANJEK, Roger – “Brazilian Racial terms: some aspects of meaning and learning” *American Anthropologist* 73:1126-43, 1971.

SENRA, Nelson - *História das Estatísticas Brasileiras ; Vol 1 ; Estatísticas Desejadas (1822-c.1889)*, Rio de Janeiro: IBGE, 2006.

SHERIFF, Robin E. – “Como os senhores chamavam os escravos: discursos sobre cor, raça e racismo num morro carioca” in Maggie, I. e Rezende, C.B. (orgs) *Raça como Retórica: a construção da diferença*, 2002, *Civilização Brasileira*, RJ, pp. 213 a 243.

SCHWARTZMAN, Simon – “Fora de Foco: diversidade e identidades étnicas no Brasil” in *Novos Estudos CEBRAP* 55 novembro 1999, pp. 83–96.

TEIXEIRA PACHECO, Moema De Poli – “A questão da cor nas relações e representações de um grupo de baixa renda” *Estudos Afro-Asiáticos* (14):85-97, 1987.

VALLE SILVA, Nelson – “Morenidade: Modo de Usar” *Estudos Afro-Asiáticos* (30):79-95, 1996.

WAGLEY, Charles – “Introduction” in *Race and Class in Rural Brazil*, Paris, Unesco, 1952.

7. ANEXO I – QUESTIONÁRIO DA PME



IBGE

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA
DPE - Diretoria de Pesquisas
DEREN - Departamento de Emprego e Rendimento

Pesquisa Mensal de Emprego - PME - julho de 1998

LEVANTAMENTO SUPLEMENTAR PARA SUBSIDIAR O CENSO DEMOGRÁFICO DO ANO 2000
PME 2.01 - COR, RAÇA E ORIGEM

REMESSA	Nº DO SETOR	Nº DE ORDEM NO PME 2.02 OU 2.03	Nº DE CONTROLE	Nº DE SÉRIE	MORADORES		Nº DE FOLHAS ADICIONAIS
					TOTAL	10 ANOS OU MAIS	
<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>	<input type="text"/>

Nº DE ORDEM NOME DO MORADOR DE 10 ANOS OU MAIS

1 Qual é a cor ou raça do (a)?

(especifique) (siga 2)

3 Qual (is) a (s) origem (ns) que o (a).....considera ter ?

(especifique) (siga 4)

2 A cor ou raça que melhor identifica o (a) é:
 1 Branca 4 Parda
 2 Preta 5 Indígena
 3 Amarela
(siga 3)

4 Qual (is) a (s) origem (ns) que o (a).....considera ter ?
 01 Africana 05 Espanhola 09 Judaica
 02 Alemã 06 Indígena 10 Negra
 03 Árabe 07 Italiana 11 Portuguesa
 04 Brasileira 08 Japonesa 12 Outra

Observações:.....

Nº DE ORDEM NOME DO MORADOR DE 10 ANOS OU MAIS

1 Qual é a cor ou raça do (a)?

(especifique) (siga 2)

3 Qual(is) a (s) origem (ns) que o (a).....considera ter ?

(especifique) (siga 4)

2 A cor ou raça que melhor identifica o (a) é:
 1 Branca 4 Parda
 2 Preta 5 Indígena
 3 Amarela
(siga 3)

4 Qual (is) a (s) origem (ns) que o (a).....considera ter ?
 01 Africana 05 Espanhola 09 Judaica
 02 Alemã 06 Indígena 10 Negra
 03 Árabe 07 Italiana 11 Portuguesa
 04 Brasileira 08 Japonesa 12 Outra

Observações:.....